

‘Desafios para Moçambique’: dez anos pensando no País

Conferência organizada pelo Instituto de Estudos Sociais e Económicos
(IESE)

Maputo, 19-20 de Setembro de 2019

Desafios para Moçambique: um projecto intelectual, social e de cidadania¹

Carlos Nuno Castel-Branco

Em 2009, ano e meio depois da sua criação, o IESE decidiu iniciar a publicação de uma edição periódica destinada a partilhar e valorizar sistemática e amplamente a sua investigação social e económica, e a converter investigação social em debate público sobre desafios práticos de transformação social e económica em Moçambique. A esta publicação, que se tornaria na referência mais visível do IESE, daríamos o nome genérico ‘Desafios para Moçambique’, mais carinhosamente conhecido, no IESE, pelo seu diminutivo ‘Desafios’ – diminutivo este que, como veremos mais adiante, tem um significado implícito muito maior do que apenas ser uma forma económica de denominar esta publicação. Em Fevereiro de 2010 lançámos o ‘Desafios para Moçambique 2010’, iniciando a tradição do IESE de publicar uma nova edição do ‘Desafios’ todos os anos e de realizar seminários em torno do lançamento dos seus livros. Este ano, completa-se o décimo aniversário do seu nascimento.

¹ Keynote speech proferido na abertura da conferência internacional do Instituto de Estudos Sociais e Económicos (IESE), sobre o tema ‘Desafios para Moçambique’: dez anos pensando no País, que decorreu em Maputo em 19 e 20 de Setembro de 2019.

Nesta comunicação vou abordar três pontos: o 'Desafios' como foi concebido pelo IESE, o contributo do 'Desafios' e os desafios do 'Desafios' para o futuro.

O 'Desafios' pensado pelo IESE

Antes do 'Desafios', o IESE tinha três tipos de publicações: livros que continham uma selecção de contributos académicos das suas conferências, dos quais os primeiros três foram publicados em 2009; *discussion* e *working papers*, cujos primeiros sete números foram publicados em 2008 e 2009; e o boletim IDelAS, com os primeiros vinte e sete números publicados até finais de 2009. Os livros das conferências e os *discussion/working papers* eram essencialmente académicos, definidos inteiramente pela agenda de pesquisa do IESE e dos seus investigadores, enquanto os IDelAS eram uma forma de alimentar o grande público com peças muito curtas e simples que pegavam em assuntos da actualidade corrente e os discutiam com recurso à pesquisa do IESE, ou que procuravam divulgar partes da investigação que pudessem ser mais interessantes para o público.

O 'Desafios para Moçambique' surge como uma forma de sistemática e intencionalmente ligar a pesquisa do IESE ao debate de política e de políticas públicas, cobrindo quatro áreas definidas como 'política', 'economia', 'sociedade' e 'Moçambique no Mundo'.

A cidadania requer um ambiente de pluralismo, mas é temperada e forjada na luta pela conquista e construção desse espaço plural. Foi nesta perspectiva que o IESE decidiu criar o 'Desafios para Moçambique'. Com o 'Desafios', o IESE pretendia divulgar ao público, não apenas para especialistas, o conhecimento gerado pela sua pesquisa social e económica, identificar os desafios que a sua pesquisa revelava para a sociedade

moçambicana e engajar o público com essa pesquisa e com o debate mais informado que ela suscitava.

Um elemento importante deste projecto era a ideia de “identificar desafios”, em vez de pretender fornecer soluções acabadas. A análise socioeconómica permite formular hipóteses e cenários sobre a história e a sociedade, identificar estruturas, padrões, dinâmicas e tendências, revelar como estes geram agentes, interesses, comportamentos, tensões, contradições e lutas, e como estas estruturas, ligações e agentes se articulam na construção de opções e na adopção de caminhos que permitem superar umas contradições e criar novas etapas históricas e realidades sociais. Este processo analítico é um desafio, assim como o são as suas conclusões, as tensões e lutas que revela e a identificação e a adopção de opções. Portanto, era nosso entendimento que o processo de transformação social é realizado em resposta a e em torno de desafios, contradições e tensões, que estes reflectem estruturas e dinâmicas histórica e lutas sociais correspondentes, e que a nossa função como instituição de pesquisa era colocar a análise de desafios revelados pela investigação à disposição dos processos e lutas políticos.

Além disso, o IESE construiu-se em torno da interdisciplinaridade, pluralidade e heterodoxia da pesquisa o que gerou, desde o início, uma diversidade de pressupostos teóricos, de abordagens e de metodologias, por vezes complementares, por vezes em conflito. Este ambiente de debate aberto permitiu informar e alimentar o debate público, nas nossas áreas de pesquisa, sobre interpretações, desafios, escolhas e opções relacionados com política e políticas públicas, as quais dependem das condições estruturantes e de interesses, por vezes contraditórios, que são inerentes à vida social. A história e a vida social têm essa particularidade – há muitos caminhos para interrogar e interpretar o passado e para dele aprender, e para explorar o futuro. Como instituição de pesquisa, o IESE entendeu ser seu desafio ajudar a tornar o debate público tão informado, abrangente, inclusivo, pluralista, multidisciplinar, heterodoxo, inovador e útil quanto

possível, por ser este um dos papéis fundamentais dos intelectuais e investigadores na luta pela conquista, construção e exercício da cidadania em Moçambique.

Na sua conferência inaugural, o IESE identificou alguns dos principais desafios da pesquisa social e económica em Moçambique. O primeiro era garantir a sua relevância social. No espírito da *praxis*, a pesquisa social é uma forma de intervenção social através da qual a teoria, a análise e a acção se informam continuamente. A sua relevância social provém da oportunidade e do alcance intelectual e social das temáticas, da adequação das abordagens e das metodologias às questões a serem tratadas, da ligação entre a pesquisa e o ensino e de uma estratégia agressiva de publicação e debate.

O segundo era manter o rigor teórico, metodológico e analítico, apesar da pressão para simplificar e para adoptar novas modas académicas e políticas que muitas vezes não têm fundamento intelectual. É o rigor que permite clareza, simplicidade, credibilidade, replicação e aproveitamento prático da pesquisa, em vez da complicação indecifrável com que por vezes somos confrontados. A simplificação da exposição de ideias, conceitos, análises pode e deve ser consistente com rigor intelectual, e é potenciada por esse mesmo rigor, pois a divulgação pública da pesquisa deve permitir ajudar a pensar e a estudar, para além de informar sobre resultados do pensamento e do estudo.

O terceiro era o desenvolvimento de uma cultura e prática de colaboração, cooperação e partilha entre as instituições de pesquisa, o que requeria meios e recursos, mas, acima de tudo, interesse, complementaridade, temas comuns, heterodoxia interdisciplinar e visão. Os resultados potencialmente mais duradouros e mais poderosos da pesquisa em ciências sociais são as redes de colaboração e a interdisciplinaridade, que permitem ampliar enormemente a dimensão, a qualidade e o alcance da pesquisa e do debate para além dos limites de cada instituição e de cada indivíduo.

O quarto desafio ligava-se às relações com o poder político e económico. Era necessário desmistificar o sentido de crítica social e investigação, pois em muitas esferas da sociedade e do poder, o debate crítico, a contradição e tensão entre ideias e abordagens, o surgimento de iniciativas não oficiais ou não controladas, a própria ideia da necessidade do estudo, eram vistos com receio e como ameaça. Ideias diferentes eram atacadas por serem diferentes, independentemente dos seus méritos. Quando a burocratização do pensamento se transforma em valor e em cultura e penetra em todas as esferas da sociedade, na educação, nas relações sociais, nas discussões de trabalho, a mediocridade institucionaliza-se, pois só esta é consistente com a recusa de estudar, de criticar, de explorar novas opções, de pensar e de perguntar antes de aceitar, de assumir ou de julgar.

O desenvolvimento é um desafio contínuo ao que está estabelecido, às verdades que outrora foram inovações, ou que nunca o foram, aos nossos limites e capacidades, à ignorância ainda desconhecida, aos valores que são produto da história, às expectativas e ambições de cada um e da sociedade, às resistências criadas pelos hábitos e pelo chamado senso comum. A sociedade não se desenvolve por mera repetição do passado nem pela repetição contínua de suposições e de fé em valores que já ninguém sabe de onde tiveram origem. O conhecimento e o direito de o buscar, pensar, questionar, criar e utilizar não são propriedade privada de ninguém.

Como é evidente, pensar social e económico é pensar político. Todos os cidadãos, incluindo os cientistas sociais, têm o direito e o dever de pensar o seu país, a sociedade e os problemas a resolver, de pensar as soluções, de criar novas perspectivas e abordagens. De facto, todos os cidadãos, incluindo os cientistas sociais, têm o dever de contribuir para o desenvolvimento amplo da sociedade motivado por uma cultura social e por uma governação pública democráticas, criativas e inclusivas. Isto é, todos os cidadãos têm o direito e o dever de pensar político, e é essa *praxis* que faz deles e delas cidadãos e cidadãs capazes de respeitar, de entender e de mudar o seu mundo.

O IESE foi formado para enfrentar estes desafios, não apenas para os reconhecer. A sua influência no debate político e no desenvolvimento conceptual ao nível académico, dentro e fora do País, atestam a sua relevância, o rigor do seu trabalho, a sua capacidade de comunicação e o valor das redes de colaboração entretanto criadas. Neste contexto, a série 'Desafios para Moçambique' tem sido instrumental para ligar a investigação, o ensino e a informação do debate público, tendo, por mérito próprio, ficado a marca principal da reputação e representação do IESE e uma plataforma privilegiada para formar redes de investigação e para divulgação e debate da pesquisa.

O que foi o 'Desafios'?

Primeiro, o 'Desafios' é a publicação dominante do IESE. Nos seus 12 anos de vida, que se completam hoje, 19 de Setembro, o IESE publicou 21 livros, dos quais 10 são as edições do 'Desafios para Moçambique'.

Segundo, o 'Desafios' tratou de um vasto leque de questões intelectual e politicamente relevantes para Moçambique, ligando a sua pesquisa científica com o debate público amplo, popularizando tanto os resultados da pesquisa temática como formulações teóricas e metodológicas em que essa pesquisa assentou. Nas suas 10 edições, o 'Desafios' incluiu um total de 160 capítulos, dos quais 40 trataram de assuntos identificados como 'política', 60 discutiram 'economia', 36 foram classificados numa categoria definida como 'sociedade' e 24 abordaram questões sobre 'Moçambique no Mundo'.

Na categoria 'política', o 'Desafios' concentrou-se nas instituições e processos políticos formais e a sua relação com os cidadãos, e nos desafios de governação política numa sociedade em difícil transição democrática. Um terço dos artigos foram sobre diferentes questões de descentralização, cobrindo legislação, processos políticos, descentralização financeira,

serviços públicos e estudos de casos. O segundo tema mais importante nesta categoria, com cerca de um quarto dos artigos, foi a discussão das eleições, desde o sistema e administração eleitoral até aos partidos políticos. Além destes dois temas, em política foram abordadas questões como os meios de comunicação social, sociedade civil, cultura e instituições políticas, serviços públicos, redes sociais, pobreza e governação política e os desafios da paz e da governação.

Em 'economia', o foco foi na construção analítica do sistema social de acumulação de capital, na identificação da sua lógica histórica, dos seus paradoxos, das suas descontinuidades e das suas tensões e contradições, na identificação das suas fontes de expansão e de crise e na discussão de opções possíveis. Cerca de um terço dos artigos foi sobre finanças e dívida pública e sobre o sistema financeiro, mercados de capitais e política monetária. Cerca de um quinto foi sobre o sistema social de acumulação, padrões de crescimento, sustentabilidade e crise. Além destes dois grandes temas, foram, ainda, discutidos padrões, dilemas e desafios de industrialização, de desenvolvimento rural, de emprego, de apropriação e uso da terra e de organização de serviços, como transportes e comércio. Através do 'Desafios', foram explicados e popularizados alguns conceitos analíticos vitais como "economia extractiva" (descrição da forma dominante e historicamente específica de articulação da actividade económica e das características da economia política de Moçambique), "porosidade económica" (descrição da forma de interacção do Estado com o capital e do capital multinacional com fracções do capital doméstico em emergência), "bolha económica" (descrição do carácter especulativo da expansão económica de um período histórico, e das fontes de da crise que o sucede), e sistema social de acumulação (a descrição das tendências e características fundamentais da economia e das suas estruturas e dinâmicas sociais e políticas no longo prazo, como e porque se reproduzem, as suas tensões e contradições internas que tendem e explicam os períodos e características tanto da expansão como as crises que sucedem e precedem a expansão).

Em 'sociedade', metade dos artigos focou na questão da protecção e segurança social, transição demográfica e pobreza e poupança, e na relação dinâmica entre estas questões, tendo, em especial, destacado o debate sobre as pressões demográficas criadas pela combinação das contínuas altas taxas de crescimento da população com o aumento da população de idosos, sobre o dilema de uma pensão universal para os idosos e sobre a 'gerontocrescimento' e envelhecimento populacional em África. Além destes temas dominantes, nesta secção do 'Desafios' foram abordadas questões relacionadas com a organização e lutas laborais, o salário mínimo, a relação e tensão entre poupança interna e externa, educação, justiça, saúde, habitação e gentrificação urbana, desigualdade de género em contextos rurais, transição democrática e serviços públicos.

Em 'Moçambique no Mundo', abordou a inserção de Moçambique nas dinâmicas globais e como estas afectam as opções em Moçambique. Metade dos artigos foram sobre economias emergentes, com destaque para China e Brasil, e a sua relação com Moçambique, cobrindo um vasto leque de questões desde o investimento até à presença e ao impacto políticos e culturais. A cooperação regional (da defesa e segurança à partilha de recursos), as lições e dilemas das experiências de reprodução de economias dependentes de recursos primários em África, as tensões em torno da ajuda externa e *ownership* foram outras questões discutidas no 'Desafios'.

Terceiro, apesar da pluralidade de temas e abordagens, o 'Desafios' reflectiu a tendência da investigação do IESE de ligar investigação científica e dinâmicas e tensões relevantes da sociedade, o que resultou em linhas de continuidade temática, uma relação interessante por vezes em conflito, entre diferentes linhas de investigação, e a utilização de momentos sociais importantes para focar a valorização pública da pesquisa do IESE. Assim, as duas primeiras edições do 'Desafios' foram articuladas em torno da vulnerabilidade, tensões e sustentabilidade políticas, económicas e sociais da transição democrática e construção do Estado. A terceira utilizou o *momentum* criado pela discussão e adopção do PARP para discutir como a

planificação económica e social de longo prazo pode usar e aprender da investigação social e económica. Entre a quarta e a sétima edições, o 'Desafios' debateu os resultados de investigação multifacetada que revelou as tensões, contradições e limites das dinâmicas de transição em Moçambique, identificando as fontes da crise e buscando opções alternativas. A oitava edição, pelo décimo aniversário do IESE, sistematizou e, em alguns casos, teorizou dez anos de investigação social e económica do IESE e identificou os seus principais contributos e lacunas, tanto do ponto de vista paradigmático e epistemológico, como do no que diz respeito a temáticas específicas dominantes no seu trabalho.

Quarto, o 'Desafios' tornou-se numa expressão sistemática da interdisciplinaridade, pluralismo e heterodoxia na sociedade moçambicana, emergindo como alternativa saudável e criativa num mundo antes dominado por consensos neoliberais, com um tom autoritário, na política, na economia e na sociedade em geral.

Quinto, a produção do 'Desafios' permitiu estimular e desenvolver redes de pesquisa. Os 160 capítulos do 'Desafios' foram produzidos por uma centena de investigadores de mais de quatro dezenas de instituições de investigação e organizações sociais, e envolveram pesquisa colaborativa e referências a trabalhos de centenas de outros investigadores. Além do enorme trabalho de pesquisa, a produção do 'Desafios' envolveu uma logística assinalável. A produção colaborativa permitiu que o 'Desafios' fosse para além dos limites do IESE e, também, se internacionalizasse.

Sexto, o 'Desafios' foi um modelo e um mecanismo que serviu para lançar novos investigadores. Cerca de oitenta por cento das duas dezenas de investigadores que o IESE teve nos últimos dez anos, todos eles/elas jovens moçambicanos saídos das nossas universidades, e cerca de um quarto dos investigadores de outras instituições de pesquisa que em algum momento participaram neste projecto, publicaram o seu primeiro artigo no 'Desafios'.

Sétimo, a publicação de cada ‘Desafios’ forneceu um foco ao trabalho do IESE, tanto para a conversão da sua pesquisa em publicações anuais para o debate público, como para a organização da divulgação ampla da pesquisa. Assim, os investigadores permanentes do IESE produziram mais de metade dos 160 capítulos publicados nesta série embora tenham representado apenas um quinto dos pesquisadores envolvidos na produção do ‘Desafios’. Além disso, em torno do ‘Desafios’ o IESE organizou cerca de quatro dezenas de seminários ao longo destes dez anos, cobrindo todas as províncias do País, os quais serviram não apenas para divulgar o livro, mas para promover debate acerca de temas centrais de cada edição, frequentemente adaptados às questões concretas de cada local. Estes seminários também foram aproveitados para divulgação e distribuição das outras publicações do IESE.

Desafios do ‘Desafios para Moçambique’

Ao longo da sua primeira década de vida, o ‘Desafios’ tornou-se uma referência fundamental para estudar Moçambique e um foco central do trabalho corrente do IESE. Isto marca o sucesso do ‘Desafios’, mas também gera desafios para o futuro, nomeadamente sobre o papel desta publicação e sobre a sua sustentabilidade.

O ‘Desafios’ foi concebido como uma publicação que utiliza e recicla produção científica já realizada em debate de questões de política e políticas públicas de desenvolvimento. A ideia original era criar uma plataforma que divulgasse a pesquisa de forma mais acessível e em relação com as grandes questões de governação, no sentido amplo, da sociedade, mostrando como a pesquisa científica pode ser usada para informar e alimentar o debate público.

No entanto, as condições históricas concretas determinaram que o IESE usasse o 'Desafios' como meio principal e primário de divulgação da sua pesquisa, pelo que a produção anual do 'Desafios' se tornou no ponto central de articulação do plano anual do IESE. Que condições históricas foram essas? Por um lado, o IESE e o 'Desafios' são praticamente contemporâneos, os seus investigadores eram bastante jovens, pelo que o portfólio de pesquisa foi sendo criado ao mesmo tempo que o 'Desafios' era produzido. Por outro lado, as dinâmicas transformativas, as tensões, paradoxos e contradições da sociedade moçambicana e do mundo em que se insere exigiam que instituições como o IESE pusessem a sua pesquisa disponível para o debate público tão cedo quanto o possível. Além disso, o IESE estava concebido não só para "fazer" ciência, mas para a submeter ao fogo do debate público e para a utilizar nesse debate.

Estas condições, combinadas com a necessidade de publicar o 'Desafios', em grande medida por causa do seu sucesso como meio de comunicação e valorização da pesquisa, resultaram numa tensão entre a produção do 'Desafios' e a publicação científica em revistas de especialidade, o que é um problema comum em contextos semelhantes em Moçambique e no mundo – revistas científicas não publicam o que não é original e com um formato científico dado, mas adiar o 'Desafios' para dar prioridade à publicação científica entraria em conflito com o sentido de oportunidade da intervenção do IESE. Tensões desta natureza são particularmente difíceis de resolver em instituições de pesquisa e de intervenção social emergentes e com um corpo de investigadores muito jovem.

Para manter e desenvolver a qualidade, oportunidade e actualidade do 'Desafios' é preciso enfrentar esta tensão, pois a publicação científica melhora a qualidade da pesquisa e produção, que tem impacto na qualidade do 'Desafios', mas o 'Desafios' não pode ser secundarizado pois isso prejudica a comunicação entre a pesquisa científica e o debate público. O amadurecimento do trabalho do IESE e do seu corpo de investigadores, o desenvolvimento contínuo das redes colaborativas de pesquisa e da

colaboração entre pesquisa e activismo social de qualidade, e, mesmo, o repensar das modalidades de produção do 'Desafios' são desafios a enfrentar no futuro breve. Não há respostas simples e fáceis, mas as perguntas têm de ser rigorosas e ousadas.

O segundo conjunto de desafios coloca-se em relação à inovação dos conteúdos. A sociedade tende a evoluir mais lentamente do que a pesquisa, pelo que existe uma tendência para a repetição de conteúdos com novas formas. O 'Desafios' conseguiu manter-se no diálogo social corrente e actual, ao mesmo tempo que se antecipou no tempo aos desafios da sociedade. Esta relação dialéctica contínua entre a necessidade de avançar a pesquisa, de a manter relevante para a sociedade actual mas numa perspectiva dos desafios de longo prazo encerra tensões contínuas, que têm de ser reconhecidas ainda que nem sempre seja possível resolvê-las.

A produção de cada número do 'Desafios' requer a logística e o planeamento de uma pequena conferência combinada com as exigências logísticas e de planeamento da produção de uma edição especial de uma revista científica – repetido todos os anos, em paralelo com todo o restante trabalho científico e logístico do IESE. Responder a esta classe de desafios é um exercício em criatividade e ousadia, que pode ser facilitado pela confrontação das duas primeiras classes de tensões referidas anteriormente, as quais são parte orgânica do contínuo repensar e reorganizar da actividade do IESE, o que é inevitável dadas as dinâmicas da sua evolução.

O desenvolvimento do IESE e o patamar alcançado pelo 'Desafios' obrigam-nos a olhar para o futuro com acrescida responsabilidade e ousadia.

Permitam-me que termine saudando todos os que tornaram o 'Desafios' e a sua relação cativante e ousada com a investigação científica e com a transformação da sociedade numa possibilidade e numa realidade, desde os que conceberam e desenharam a publicação, aos que produziram os materiais, os editaram graficamente e garantiram a sua distribuição,

divulgação e utilização para estudo e debate, sem esquecer os que nos facultaram os recursos necessários para este projecto. O ‘Desafios’ foi uma obra colectiva, social, multifacetada, de pôr a pesquisa em ciências sociais ao serviço da transformação da sociedade moçambicana, em busca dos caminhos para a construção de um mundo em que sejamos socialmente iguais, humanamente diferentes, solidários e completamente livres.

Há quatro frases eternas do livro “O pequeno príncipe” (ou o princepezinho, dependendo da edição), de Antoine de Saint-Exupéry, que gostaria de recordar e que podem ser importantes para nós.

A primeira diz que nós tornamo-nos eternamente responsáveis por aquilo que cativamos. Poucas paixões são tão profunda, intensa e dialecticamente cativantes e vividas como a que une as ciências e a luta pela transformação social. O ‘Desafios’ cativou o IESE e a sociedade e estes cativaram o ‘Desafios’, pelo que temos de cuidar e alimentar esta relação pela qual nos tornámos responsáveis, ao criá-la. Claro, diz ainda o pequeno príncipe, corremos sempre o risco de chorarmos um pouco quando nos deixamos cativar. Mas, de outro modo, teríamos ciência estéril e debate público superficial. Ao invés de muros, precisamos das pontes que fazem a ciência ser social, mesmo que esse processo de construção por vezes nos magoe.

A segunda diz que quando andamos sempre em frente não conseguimos ir muito longe. Quer dizer que o progresso exige descobrir e aproveitar novos caminhos e que só chegamos a novos desafios e encruzilhadas por efeito do progresso. Não devemos, portanto, recear a oportunidade e a necessidade de mudança.

A terceira diz que o essencial é invisível aos olhos, o que quer dizer que é preciso ir para além da aparência, mesmo quando a aparência faz parte do essencial. Essa é a essência da actividade científica e da sua utilidade no debate público – revelar a essência que muitas vezes se esconde por detrás da aparência mais óbvia dos fenómenos.

A última frase é sobre ousadia e criatividade, e diz o seguinte: todas as pessoas grandes foram um dia crianças, mas poucas se lembram disso. O envelhecimento é o processo de esquecer e abandonar o que de criança existe em nós – a alegria, a ousadia e o entusiasmo pela exploração infatigável de novos limites e possibilidades.

Então, sejamos responsáveis pelo que já criámos e não percamos de vista a paixão eterna que une as ciências sociais e a transformação social; não deixemos de procurar alternativas, pois a vida é mais ampla e tem menos limites do que o que está directamente em frente dos nossos olhos; preocupemo-nos com a essência e utilizemo-la para ajudar o progresso da ciência, do pensamento e da sociedade; e sejamos criativos, ousados, rebeldes e desafiadores, como as crianças são, e como foi o espírito e a acção que nos levou a criar o IESE e a lançarmo-nos no desafio do 'Desafios para Moçambique'.

Acho que estas quatro frases podem bem combinar-se numa frase muito curta e bem moçambicana, que todos vocês conhecem: a luta continua!

Muito obrigado.